

Logo de início Chico corrige o título do livro de Huberto Rohden, que é "Novo Testamento".

Revela, em seguida, ter perdido duzentas páginas psicografadas dos originais de um livro. Em razão disso previne a Wantuil para que se acautele.

Uma pergunta pode ocorrer: por que os Amigos Espirituais não auxiliaram para que os originais fossem encontrados? Conforme já foi dito, o médium é o guardião de todo o acervo ditado pelo Mundo Espiritual e compete-lhe zelar para que a obra siga o seu curso natural no plano terreno. Essa é a sua responsabilidade e ele responderá por ela.

Chico teve algumas contrariedades nesse campo, visto que por mais de uma vez houve extravio de originais.

Mandato mediúnico

31 — 10 — 1946

"(...) Não me digas que o nosso companheiro falou a verdade a meu respeito em 'Um só Senhor'. A parte que me foi 'debitada' é terrível. Sabe Deus como me dói o mandato mediúnico: E dói-me porque me veste de 'penas de pavão', escondendo minhas feridas. Toda gente julga que sou um espírito são, quando não passo de pobre alma em provas, com um coração enfermo e imperfeito. (...)"

Deduz-se que Chico está sendo elogiado de uma forma que o desagradou. Com o transcurso dos anos, em decorrência do seu próprio trabalho, cresceram e avultaram os elogios em torno da figura, por todos amada, de Chico Xavier.

Quanto mais ele se mostra humilde, simples e modesto, mais e mais elogios recebe da parte de quantos se mostram reconhecidos. É realmente difícil aproximar-se de Chico e controlar o impulso que temos de agradecer-lhe e agradá-lo de todas as maneiras. É realmente difícil controlar o impulso de um coração agradecido, que teve lenida a sua dor, através de mensagem de um ente que-

rido que do plano espiritual transmite o seu recado pelas mãos de Chico Xavier.

Hoje, Chico Xavier talvez já esteja mais acostumado. Entretanto, em 1946, ele escreve: "E dói-me porque me veste de "penas de pavão", escondendo minhas feridas." Observemos que o médium não reclama do sacrificial labor, das graves responsabilidades inerentes ao mandato mediúnico. Queixa-se, sim, porque sentindo-se enfermo e imperfeito é visto por todos em condições opostas, graças às suas notáveis aptidões mediúnicas.

"É uma lembrança feliz mostrar o "impessoalismo" do serviço. E o artigo publicado revela continuidade de esforço para a consolidação da obra de todos com o Cristo, não é? (...) Dr. Guillon esteve em teu grupo doméstico, por intermédio do Celani, igualmente como acontece no grupo da residência do Rocha? Espero as tuas informações. (...)"

Grato pela cópia da carta endereçada neste mês ao Diretor de "O Espiritualista". Achei interessante o plágio. Há tempos, quando compareci pela última vez numa grande reunião espiritualista em B. Horizonte, foi declamada uma poesia que reconheci bem. Consta do "Parnaso", desde a primeira edição, mas a jovem declamadora apresentou um cavalheiro bem posto e de muito nome na doutrina, então presente, como sendo autor. O senhor foi muito cumprimentado e tive de abraçá-lo também por minha vez. Ele recebeu meu abraço muito pálido e desconcertado, mas, no fundo, eu achei muita graça em tudo. (...)"

Chico considera que o serviço é de todos com o Cristo, não cabendo personalismos vaidosos. Acha que o artigo estampado em "Reformador" expressa com felicidade o

"impessoalismo" da obra espírita, sem referência a pessoas ou a uma pessoa em particular.

O episódio narrado na carta é muitíssimo interessante. Qualquer outra pessoa dificilmente deixaria de retificar o erro da declamadora e de reclamar para si o direito de se dizer autor, ou, no caso, médium. Mas Chico é assim mesmo. Não segue o comportamento habitual das outras pessoas. Assistiu à declamação, ouviu os aplausos, e, também ele, acabou por cumprimentar o "autor", que muito sem jeito nem teve palavras para dizer nada.

E Chico Xavier, intimamente, apenas achou graça de tudo.